



Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos¹

José MARQUES DE MELO²

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

A crise contemporânea do jornalismo recoloca em pauta a questão dos modos de expressão jornalística, suscitando revisões conceituais e motivando exercícios classificatórios. O artigo busca reconstituir a trajetória dos gêneros jornalísticos, periodizando seu desenvolvimento empírico e oferecendo roteiro para a compreensão das suas mutações no tempo e no espaço.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; gêneros; história; teoria; prática.

RAÍZES PROFUNDAS

Muito recente, o estudo dos gêneros jornalísticos é datado da metade do século XX, se tomamos a contribuição de Jacques Kayser como marco histórico, no âmbito da academia.

Existe um consenso em torno desse referencial, como testemunha a professora espanhola Sonia Parratt (2008, p. 49, tradução nossa): “A maioria dos teóricos do jornalismo outorga ao francês Jacques Kayser, professor da Universidade de Paris, a consideração de pioneiro no tratamento dos gêneros jornalísticos desde o ponto de vista acadêmico, há mais de quatro décadas”.

Mas os primeiros indícios de sua configuração espacial estão embutidos na estrutura dos jornais pioneiros.

Para melhor entender a premissa, vamos tomar como referência o modelo de jornalismo praticado na conjuntura em que circulou nosso primeiro jornal – *Correio Braziliense* (1808-1822) –, conforme arguta observação de Carlos Rizzini (1957, p. 11):

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, no X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), instituição na qual é diretor-titular da Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Coordenador do GP Gêneros Jornalísticos, subordinado à DT 1 – Jornalismo, da Intercom.



Além dos grandes acontecimentos, os periódicos coetâneos acolhiam dissertações doutrinárias, informações literárias, científicas, agrícolas e comerciais; atos e resoluções de ofício das principais nações; tabelas e estatísticas de moedas, preços de mercadorias, importação e exportação, e movimento portuário. Divulgavam minuciosas informações políticas dos gabinetes europeus e durante as guerras napoleônicas documentos de várias coalizões – cartas, relatórios, proclamações, ordens do dia, acordos, convenções – inclusive o teor dos comunicados militares. Pelos mapas, boletins dos exércitos e extratos dos órgãos oficiais das diversas cortes, insertos no *Correio Braziliense*, é possível acompanhar-se *pari-passu* as campanhas da Alemanha e da Rússia. Inseriam também os periódicos, quase sempre em forma de cartas, reais ou simuladas, denúncias e críticas, frequentemente degeneradas em discussões de cunho pessoal e não raro em libelos mofinas. Essa parte polêmica agigantou-se entre nós, amesquinhando o jornalismo, durante a fase trepidante da consolidação da soberania, coincidente com a infância da liberdade de imprensa...

Se fizermos um breve exercício de análise factual, aí identificaremos os protótipos dos gêneros legitimados contemporaneamente:

- informativo (relato dos grandes acontecimentos),
- opinativo (denúncias, críticas e libelos),
- interpretativo (mapas, cartas, relatórios),
- utilitário (tabelas e estatísticas de moedas, preços de mercadorias, movimento portuário) e
- diversional (informações literárias).

Mas se quisermos estabelecer uma periodização acurada, vamos observar que os gêneros hegemônicos na atualidade possuem raízes profundas, desde o século XVII, perdurando até o século XIX.

Dependendo da cultura nacional, predomina o jornalismo argumentativo, como nos países latinos, onde a versão dos fatos assume até mesmo dimensão passional, enquanto nas comunidades anglo-saxãs prevalece o jornalismo referencial, valorizando racionalmente o relato impessoal dos acontecimentos e só secundariamente respaldando os comentários a respeito deles.

O século XX figura, portanto, na história do jornalismo, como um caldeirão de novos gêneros e formatos, reciclando os gêneros informativo e opinativo, e testemunhando o aparecimento de gêneros complementares.



Emerge com vigor, embora denotando intensidade sazonal, uma variante de jornalismo analítico-educativo, matriz do gênero interpretativo. Igualmente, aparece um segmento de natureza emotiva e hedonística, nutrido pela civilização do ócio, configurando o gênero diversional, cuja identidade vacila entre o mundo real e a narrativa imaginária.

No fim do século, toma vulto inusitado um filão intrinsecamente utilitário, que atende a uma dupla função: encorajar a cidadania participativa (respaldando a tomada de decisão individual sobre questões de interesse público) e fomentar o consumo responsável (municando os contingentes economicamente ativos nas sociedades capitalistas de insumos fundamentais para preservar ou elastecer o patrimônio formado pelo excedente pecuniário familiar).

ROTEIRO CRONOLÓGICO

SÉCULO XVII

Os indícios do jornalismo referencial remontam ao século XVII, quando o gênero informativo desponta no universo da florescente imprensa diária.

Tobias Peucer (2000) observa que os primeiros periódicos faziam o registro dos acontecimentos recentes, valendo-se de dois padrões narrativos – *novellae* e *relationes novellae* –, em grande parte inspirados na retórica de Quintiliano.

Quem foi Quintiliano? Herdeiro do legado aristotélico na cultura romana, deu sequência ao estudo da retórica, escrevendo o tratado *Institutio Oratória*, obra composta de 12 livros, hoje disponível para consulta em edição castelhana publicada pela Editora da Universidade de Salamanca – *Quintiliano de Calahorra*, 5 volumes, 1996 –, com a finalidade de evocar os dezenove séculos de aniversário de sua morte.

Como distinguir seus padrões narrativos?

As *novellae* (ou notícias) são entendidas como “formas de histórias”, “disposições mais recentes”, “história variada”, “coisas desordenadas”.



As *relationes novellae* (relatos jornalísticos) “contêm a sucessão de coisas diversas acontecidas recentemente”. A rigor, “têm mais em conta a exata sucessão dos fatos que estão inter-relacionados e suas causas”.

Referindo-se a essa etapa da atividade jornalística, Jorge Pedro Souza (2004, p. 45) argumenta com clareza convincente:

O texto de Peucer mostra [...] que muitas das noções que se têm sobre a “invenção” da imprensa informativa e da estrutura clássica da notícia pelos americanos do século XIX precisam de alguns ajustamentos, uma vez que, no século XVII, já existia imprensa informativa e já se dominavam alguns aspectos dessa estrutura.

SÉCULOS XVIII E XIX

No que diz respeito ao jornalismo argumentativo em que está enraizado o gênero opinativo, sua força vai crescendo no século XVIII. Essa forma de expressão jornalística emerge nos processos revolucionários de natureza anticolonial (USA, 1776) e antiabsolutista (França, 1789), convertendo a imprensa em arena de combate, episódio que Darnton e Roche (1996) descrevem com argúcia e sensibilidade no inventário *Revolução impressa (1775-1800)*.

Nos países anglófonos, esse tipo de jornalismo assume três formas estilísticas: o rótulo abrangente de comentário (*comment*); o artigo (*citizen comment*), que difunde opinião pessoal, assinada pelo autor; e o editorial (*publisher comment*), veiculando a opinião institucionalizada, anônima, porém chancelada pela empresa-editora do jornal (OLSON, 1966, p. 6-10).

A situação afigura-se mais complexa nos países francófonos, onde prolifera um jornalismo opinativo essencialmente panfletário. Bacque (1996, p. 226-227) catalogou as diferentes manifestações, separando as anônimas (consideradas pornográficas ou difamatórias) das autorais (subdivididas em *ensaios*, *comentários* e *polêmicas*).

Esse padrão de jornalismo chegaria ao Brasil com um século de atraso, perfilando duas vertentes identificadas por Lustosa (2000, p. 421-436) dentro do quadro bélico que ela



apropriadamente chamou de “insultos impressos”: por um lado, o jornalismo panfletário (ideológico), e, por outro lado, o jornalismo carbonário (fisiológico).

SÉCULO XX

O primado desses gêneros hegemônicos persiste durante todo o século XX, que, no entanto, também abre espaço para o florescimento dos gêneros complementares: o jornalismo analítico que se nutre do gênero interpretativo; o jornalismo de entretenimento, também rotulado como jornalismo literário, cuja seiva provém do gênero diversional; e o jornalismo de serviço, metamorfoseado pela volúpia do gênero utilitário.

O jornalismo interpretativo irrompe em meados do século XX. Tipicamente ianque, começa a ser cultivado durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando a sociedade norte-americana considera-se lesada pela imprensa, em face da ausência de informações que permitissem a previsão do conflito bélico. Ao mesmo tempo, a cultura antropocêntrica daquele país motiva os cidadãos a demandar informações de natureza geopolítica, suprimindo as lacunas educacionais sobre os cenários nos quais se movimentam os soldados ianques (HOHENBERG, 1962).

No pós-guerra, firmam-se, nos EUA, dois formatos emblemáticos: a análise (*interpretative reporting*) e a cronologia (*historical background*). Enquanto isso, na Europa, especialmente na Espanha pós-franquista, irrompe freneticamente o jornalismo investigativo (*periodismo de investigación*) (MCDUGALL, 1963; SECANELLA, 1986; QUESADA, 1987).

SÉCULO XXI

O jornalismo emotivo ou hedonístico, suprido pela criatividade do gênero diversional, só adquire legitimidade no final do Século XX.

Surge, no pós-guerra fria, como uma contingência jornalística, lutando para sobreviver num ambiente midiático dominado pelo entretenimento. A ascensão do *show business*



contamina a produção informativa, induzindo ao resgate de certas formas de expressão que mimetizam os gêneros ficcionais, embora os relatos permaneçam ancorados na realidade (BARRET, 1965; JOHNSON, 1971; BERNAL & CHILLÓN, 1985; LIMA, 1993).

A passagem do século, que emoldura o neoliberalismo, ensejou oportunidade singular para o desenvolvimento do jornalismo operacional ou de serviços, alavancado pelo gênero utilitário.

Sua ascensão retumbante se dá no limiar da sociedade da informação, cujo funcionamento repousa na tomada de decisões rápidas no mundo financeiro, projetando-se também na vida cotidiana. Sua legitimação vem ocorrendo com maior intensidade nas sociedades povoadas pelos cidadãos-consumidores (DIEZHANDINO, 1994; ALBORNOZ, 2006).

Mais recentemente, no bojo da crise financeira que abalou os pilares da economia neoliberal, essa modalidade jornalística envereda pelo ativismo cívico (TRAQUINA & MESQUITA, 2003; FERNANDES, 2008) ou filantrópico (MEYER, 2007). Diante da possibilidade de desaparecimento dos jornais, o gênero utilitário pode vir a ser uma tábua de salvação para o próprio jornalismo que “está em apuros”.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALBORNOZ, Luis. *Periodismo digital*. Buenos Aires: La Crujia, 2006.

BAECQUE, Antoine de. Panfletos. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 225-238.

BARRET, Edward. *Jornalistas em ação*. Rio de Janeiro: Agir, 1965.

BERNAL, Sebastián; CHILLÓN, Luís Alberto. *Periodismo informativo de creación*. Barcelona: Mitre, 1985.

DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (Orgs.). *Revolução impressa: a imprensa na França (1775-1800)*. São Paulo: Edusp, 1996.



- DIEZHANDINO, Maria Pilar. *Periodismo de servicio*. Barcelona; Bosch, 1994.
- FERNANDES, Marcio. *Civic Journalism: haverá um modelo brasileiro?* Guarapuava: Unicentro, 2008.
- HOHENBERG, John. *Manual de jornalismo*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- KAYSER, Jacques. *El diario francés*. Barcelona: A.T.E., 1979.
- _____. *El periódico: estudios de morfología, de metodología y de prensa comparada*. Quito: Ciespal, 1964.
- _____. *La prensa diaria y la comunidad europea*. Quito: Ciespal, 1963.
- _____. *Une semaine dans le monde*. Paris: Unesco, 1953.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos impresos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- MACHADO DA SILVA, Juremir. *A miséria do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MACHADO, Elias; BORGES, Clarissa; MIRANDA, Milena. Os gêneros narrativos no jornalismo digital baiano. *Pauta Geral*, Salvador, v. 10, n. 5, p. 105-118, 2003.
- MACHADO, Irene. Por que se ocupar dos gêneros? *Revista Symposium*: Publicação da Universidade Católica de Pernambuco, Recife, ano 5, n. 1, p. 5-13, jan./jun. 2001.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 23-41.
- MCDOUGALL, Curtis. *Interpretative reporting*. 4. ed. New York: Macmillan, 1963.
- MEYER, Philip. *Os jornais podem desaparecer?* São Paulo: Contexto, 2007.
- OLSON, Kenneth. *The history makers*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1966.
- PARRATT, Sonia F. *Gêneros periodísticos en prensa*. Quito: Ciespal, 2008.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. Tradução de Paulo da Rocha Dias. *Comunicação & Sociedade*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, ano 22, n. 33, p. 199-214, 1º sem. 2000.
- QUESADA, Montserrat. *La investigación periodística*. Barcelona: Ariel, 1987.
- RIZZINI, Carlos. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. São Paulo: Nacional, 1957.



SECANELLA, Petra. *Periodismo de investigación*. Madrid: Tecnos, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de jornalismo impresso*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005.

_____. Tobias Peucer: progenitor da Teoria do Jornalismo. *Estudos em jornalismo e mídia*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 31-48, 2º sem. 2004.

_____. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson; MESQUITA, Mário (Orgs.). *Jornalismo cívico*. Lisboa: Horizonte, 2003.